

UMA CAMINHADA À MARGEM DA LINGUAGEM

Jurema José de Oliveira
Universidade Federal Fluminense \ UFF

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma ¹.

De acordo com Sartre², a linguagem é nossa carapaça e nossas antenas, protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos. Dessa forma, a linguagem funciona como o caminho possível de inscrição do homem num “mundo subitamente alargado”, (V.S.p74) e impróprio para Fabiano e sinha Vitória, por serem “menores que as figuras dos altares”(V.S. p.74).

Naquela viagem arrastada, os personagens infantis tentam encontrar a palavra ideal, capaz de esclarecer as dúvidas acerca das “preciosidades que exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas”(V.S. p.84).

Os *meninos* tentam entrar no universo dos significados, mas não conseguem, porque desconhecem a expressão adequada, capaz de dizer a linguagem deles e de remetê-la ao universo que os cerca:

Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. Puseram -se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. (...) Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem. (V.S.p.84)

¹ NETO, João Cabral de Melo, p.185.

² SARTRE, Jean-Paul, p.19.

A palavra *inferno* pronunciada por sinha Terta gera uma indignação no *menino mais velho*, o qual “tinha um vocabulário quase tão minguido como o do papagaio que morrera no tempo da seca”(V.S. p.55). Inconformado, o *pequeno* recorre a sinha Vitória que faz alusão “a certo lugar ruim demais”(V.S. p.54).

O *menino* desejava que o significante *inferno* tivesse um significado preciso, real, queria “que a palavra virasse coisa”(V.S. p.56). Sendo assim, entre *hipóteses* e *previsões*, o *pequeno* procura corporificar *uma palavra importante*, porque “figurava na conversa de sinha Terta”(V.S. p.59):

Existiam sem dúvida em toda parte forças maléficas, mas essas forças eram sempre vencidas. E quando Fabiano amansava brabo, evidentemente uma entidade protetora segurava-o na sela, indicava-lhe os caminhos menos perigosos, livrava-o dos espinhos e dos galhos(V.S.p.59).

Encontrar a *palavra essencial* significa desvendar a realidade humana, logo, “o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam”³, desde que este possa *pronunciar-se*. No caso do *menino*, o pronunciamento não se concretiza, pois este domina apenas “a função fática da linguagem”⁴. De acordo com Jakobson⁵, esta é a única função partilhada entre os seres humanos naturalmente. É também a primeira função verbal que as crianças adquirem.

No capítulo “Inverno” o *menino mais velho* abre os ouvidos e pensa: “Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande” (V.S. p.64). Sendo assim, a *família* partilha olhares, sons, mas não consegue efetivar um diálogo com *precisão*:

³ Idem, ibidem, p.33.

⁴ JAKOBSON, Roman, p.127.

⁵ Idem, ibidem, p.127.

Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las.(V.S. p.63-4)

Na busca da palavra ideal que definisse a sua existência, “o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga (V.S. p.59). Sem dúvida, gerações e gerações de *viventes* haviam feito esta *travessia* na linguagem com o intuito de inscrever-se num mundo socialmente reconhecido.

Herdeiros da *posição natural*, “soltos no barreiro, enlameados como porcos”(V.S. p.21), os *pequenos* precisavam aprender exercícios fáceis: “bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos”(V.S. p. 21) da cachorra Baleia.

De acordo com Derrida, a mancha significa o sujeito distante de si, animalizado. Sendo assim, este traço só será neutralizado a partir do momento em que o mesmo toma consciência da “unidade do próprio como não-mancha do sujeito totalmente próximo de si”⁶. Então: Tenho um nome próprio quando estou limpo. A criança na sociedade ocidental só assume o seu nome - em primeiro lugar na escola-, só é na verdade bem designado quando está limpo⁷.

Esta marca social, ou melhor, esta identidade desejada não se aprende com a *pedra*, que “entranha a alma”⁸, mas “não sabe lecionar”⁹.

⁶ DERRIDA, Jacques, p.128.

⁷ Idem, ibidem, p.128.

⁸ NETO, João Cabral de Melo, p.185.

⁹ Idem, ibidem, p.185.

O substrato, ou melhor, a essência do *matuto* aproxima-o do animal, a cachorra Baleia, que tem *status* de “uma pessoa da família” (V.S.p.85), pois cumpre com afínco sua *obrigação*. Constatase, neste contexto, uma subversão de valores, pois o herdeiro do *gesto hereditário* animalizou-se e o *bicho* humanizou-se:

Uma angústia apertou -lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: aquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinha Vitória guardava o cachimbo(V.S. p.90).

Desta forma, o *bruto* não se diferencia muito daquele *bicho* que “tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas (V.S. p.89).

No leito de morte, o animal, em sonho, capta sua realidade e idealiza uma transformação para aquela “campina (...) seca e dura” (V.S. p.95):

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes(V.S. p.91).

Fabiano acredita fazer justiça, executando um animal “com (...) princípio de hidrofobia” (V.S.p.85). Impossibilitado de se tornar “um cabra valente” (V.S.p.100), o sertanejo vinga-se na cachorra: “A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente” (V.S. p.87).

Entre digressões e projeções, o *bruto* visualiza, imagisticamente, o fim do *inimigo*, distinto daquele dado a Baleia:

voltou -se e deu de cara com o soldado amarelo(...). Baixou a arma. Aquilo durou um segundo. Menos: durou uma fração de segundo. Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, com o quengo rachado(V.S. p.99-100).

Nesta *travessia* desconexa, o sertanejo não consegue subsídios para apagar a mancha hereditária, logo se encontra:

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou. Coitada de sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha. Uma pessoa de tanto juízo marchar na terra queimada, esfolar os pés nos seixos, era duro. As arribações matavam o gado. Difícil. Ele, Fabiano, espremendo os miolos não diria semelhante frase (V.S. p.113).

A *marcha* dos *retirantes*, ciclicamente construída, começa com seis *viventes* e termina com quatro. O primeiro a sucumbir, o papagaio, simboliza *a vida antiga*, a viagem *ruim*, que Fabiano, num *remoque*, faz sinha Vitória recordar:

Olhou de novo os pés espalmados. Efetivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem dúvida, matuto anda assim. (...) A referência aos sapatos abriu-lhe uma ferida - e a viagem reaparecera (V.S. p.43).

Perdidos nas *armadilhas* do *sertão*, desprovidos da palavra *singular* que dá forma e nome às nossas afeições, idealizam um lugar para começar *vida nova*, que não tenha *as pedras miúdas* da *catinga*:

Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras que sinha Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis,

acabando como Baleia. Que iria fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos (V.S. p.126).

Constata-se, no romance *Vidas secas*, numa verificação que não se pretende exaustiva, o aparecimento de cento e oitenta e três expressões, cujo significado está, diretamente, relacionado ao campo semântico de *animal* e trezentos e cinquenta e seis significantes, cujo significado está relacionado ao campo semântico de *seca*. Cabe ressaltar, inclusive, que o segundo termo do título da obra, *secas*, funciona como adjetivo de *vidas*.

Relacionamos abaixo algumas ocorrências do campo semântico de *bicho* e *seca* que nos pareceram significativas.

Na abertura do romance, as imagens resgatadas, pouco a pouco, pelo narrador remetem-nos a um espaço físico *sem vida*:

Na Planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala (V.S. p.9).

Os *infelizes*, depois de verem estilhaçadas as esperanças, procuram unir “as suas desgraças e os seus pavores”(V.S. p.13) na *marcha pela catinga rala* salpicada “de manchas brancas que eram ossadas (...) de bichos moribundos”(V. S. p.9-10).

O sertanejo orgulha-se de ser um *bicho* forte “capaz de vencer dificuldades” (V.S. p.18).

Animalizado como está repete gestos ancestrais:

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.(...) A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopéias (V.S. p.19-20).

Com uma linguagem onomatopéica, o *bruto* se apresenta como uma extensão da *catinga* seca:

Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia(V.S. p.19).

Os traços rudimentares do grupo vão, pouco a pouco, formando uma *carapaça* distinta daquela conceituada por Sartre como linguagem, que protege os homens dos outros homens e determina sua inscrição no mundo. No contexto em que se encontram, os *cambembes* estão de passagem pelo próprio mundo, não se inscrevem nele: “estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora e eles ganhariam o mundo, sem rumo (...). Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau”(V.S. p.23).

O paradoxo homem/bicho fica patente na imagem recuperada pela voz da enunciação acerca dos *sentimentos revolucionários* existentes em Baleia, mas nunca no *matuto* que “vivía preso como um novinho amarrado ao mourão, suportando ferro quente (V.S. p.37). Neste parâmetro antitético, encontra-se, também, sinha Vitória que: “apesar de ter uma boa ponta de língua”(V.S. p. 119), usava “sapatos de verniz(...) caros e inúteis. Calçada naquilo, trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula”(V.S. p.41).

Ferrado como um cavalo, transita pelo *sertão* derreado, “feio e bruto, com aquele jeito de bicho lerdo que não se agüenta em dois pés”(V. S. p.68).

O fugitivo caminha léguas para encontrar o *prolongamento* da *catinga* agressora:

As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam(V.S.p. 12).

De acordo com Sartre, “existe a palavra vivida e a palavra encontrada”¹⁰ para a inscrição do indivíduo no mundo. Esta afirmação diz respeito aos homens dotados da palavra ideal, a qual os torna *essenciais* no processo de desvendamento do mundo. No caso de Fabiano que se encontra distante de si e do mundo, em busca de sua *essencialidade*, a *palavra vivida* tem sua inscrição numa *pedra*, que não é *essencial*, pois:

Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. E os pés dele esmoreciam, as alpercatas calavam-se na escuridão. Seria necessário largar tudo? Afastaram-se rápidos, como se alguém os tangesse, e as alpercatas de Fabiano iam quase tocando os calcanhares dos meninos (V.S. 117-8).

O *bruto* encontra-se “ali de passagem, era hóspede” (V.S. p.19), um estrangeiro fadado a “andar para cima e para baixo” (V.S. p.19), agarrado à terra alheia como “os mandacarus e os xiques-xiques” (V.S. p.19). O *matuto* resiste à seca, igualmente as “catingueiras e as baraúnas” (V.S. p.19); ambos simbolizam, semanticamente, a *catinga* repleta “de garranchos e folhas secas” (V.S. p 15).

As imagens do *bicho Fabiano* são recuperadas constantemente na malha narrativa, logo: “Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho” (V.S. p.19), com “os pés calosos, duros como cascos” (V.S. p.121).

¹⁰ SARTRE, Jean-Paul, p.19.

A terra seca corporifica na narrativa por meio de trechos como: “catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, bichos morrendo, gente morrendo” (V.S. p.122) e “as arribações, os urubus que farejavam carniça” (V.S. p. 119).

No universo avermelhado, “salpicado de manchas brancas que eram ossadas” (V.S. p.10) de bichos, estão os mandacarus, um tipo de cacto que armazena água e os juazeiros cuja folhagem permanece verde durante a seca.

A ausência de palavra, da linguagem-inscrição impossibilita o *matuto* e sua família de existenciar-se, pois estão no mesmo nível dos elementos típicos da *catinga*:

Sinha Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo. Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. Chegou -se a Fabiano, amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os urubus que farejavam carniça. falou no passado, confundiu-o com o futuro (V.S. p.119).